



# **Universidade Estadual de Londrina**

---

CARLOS FERNANDES CASTILHO

**UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO: A  
ARTE COMO AGENTE INTEGRADOR E  
MEDIADOR DA RELAÇÃO ENSINO  
APRENDIZAGEM.**

---

LONDRINA  
2009

CARLOS FERNANDES CASTILHO

**UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO: A  
ARTE COMO AGENTE INTEGRADOR E  
MEDIADOR DA RELAÇÃO ENSINO  
APRENDIZAGEM.**

Trabalho de Conclusão do PDE/2008  
apresentado ao Departamento de Arte da  
Universidade Estadual de Londrina.

Orientador: Prof. Renan dos Santos Silva

LONDRINA  
2009

CASTILHO, Carlos Fernandes. **Um novo olhar sobre a educação: A arte como agente integrador e mediador da relação ensino aprendizagem.** 2009. 16f. Artigo (PDE 2008) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2009

## RESUMO

O caminho iniciado por Platão e trilhado por Piaget, Paulo Freire e Lowenfeld culminando com Herbert Read, se apresenta aqui como necessidade. Todo caminho parte de uma escolha, nesta questão em especial, considerando ainda Kunh e Freire, ousamos aqui observar a educação e intervir, acerca da perspectiva de um paradigma que em sua essência é uma proposta e é um resgate do ideário de Herbert Read em contraposição ao modelo tecnicista que não se comporta mais em nosso meio, pois, por mais que se deseje torná-lo racional, neutro e científico, ele se esgota na própria condição de seus valores. O que observarmos, no contexto do ambiente escolar, o professor de hoje, perdeu seu status e a autoridade, o tecido desta relação ensino-aprendizagem se esgarçou, pelo afrouxamento da disciplina e dos conhecimentos clássicos. Reorganizar o currículo por projetos, em vez das tradicionais disciplinas, “eis a questão” essa é a principal proposta, portanto: seria possível resgatar Herbert Read numa leitura contemporânea de educação mediada pela arte?

**Palavras-chave:** Ensino. Arte. Integração.

CASTILHO, Carlos Fernandes. **Un nuevo para mirar en la educación: El arte como el integrador del agente y mediador de aprender de la educación de la relación.** 2009. 16f. Artículo (PDE 2008) - universidad de estado del natural de Londres, natural de Londres. 2009

## RESUMEN

La manera iniciada para Platão y pisada por Piaget, Pablo Freire y Lowenfeld que culmina con Herberto leído, si presentes aquí como necesidad. Toda la manera se ha ido de una opción, en esta pregunta en especial, todavía considerando Kunh y Freire, atrevimientos aquí observar la educación y al intervine, referente a la perspectiva de un paradigma que en su esencia es una oferta y es un rescate del ideário adentro del contraposition leído Herberto al modelo del tecnista que no se comporta más de nuestra manera, por lo tanto, no importa cómo difícilmente si desea convertirse en él racional, neutral y científico, él si agota en las condiciones apropiadas de sus valores. Qué a observar, en el contexto del referente al ambiente de escuela, el profesor de hoy, perdió su estado y la autoridad, la tela de esta relación enseñar-aprendiendo si esgarçou, para el afrouxamento de disciplinas y del conocimiento clásico. Para reorganizar el curriculum vitae para los proyectos, en vez los tradicionales usted disciplina, “aquí él es la pregunta” que ésta es principal la oferta, por lo tanto: ¿sería posible rescatar a Herberto leído adentro un contemporáneo de la lectura de la educación mediado para el arte?

**Palabra-llave:** Educación. Arte. Integración.

## **A ESCOLA EM BUSCA DE CAMINHOS**

Vivemos como produto da modernidade na ânsia de novos paradigmas, entre tantos caminhos, quiçá seguir os passos de Herbert Read (2001) que assim como Thomas Kunh (2003), soube observar essa crise do indivíduo no coletivo, propondo a Arte como agente integrador e regenerador de um sistema educacional que se evaporou em meio a tantas identidades, em especial a segunda revolução tecnológica após a segunda guerra mundial.

Essa característica que alguns pensadores denominam de pós-modernidade, que aparentemente diluiu tragicamente a individualidade, somatizado à crise do mercado do século XIX, onde podemos vivenciar exemplos daqueles que tinham a convicção de um mundo melhor na modernidade, de ver suas expectativas se esvaziarem pelas calçadas, frente à incerteza do futuro e em meio à pobreza e a pestes. Kunh observou à urgência de se rever a construção de nossa própria história, e a percepção de que é no caos e não na continuidade que os sistemas se desfazem, que suas engrenagens enferrujam e, é neste momento que as massas pedem um novo paradigma.

Este é o retrato fiel dos professores latino-americanos, e em especial, nós professores brasileiros, que estamos perdidos em uma legislação tecnicista, inserida numa escola tradicional clássica e rotulados pela escola nova; vivemos este caos que segundo Thomas Kunh, paradoxalmente, é o começo e o fim. O fim do sistema que não se pode mais repetir, cujas massas já não conseguem mais regurgitar e nem mesmo auto convencer-se. Já o início que é sempre desafiador, quase sempre construído por anônimos, por vezes liderados por marginalizados, até que o tempo os transforme em idealistas ou mesmo em revolucionários.

Foi um sistema que chegou até aqui objetivando impor uma visão de mundo que já não é mais concebível. A comunidade internacional hoje busca saídas duradouras e sustentáveis para questões da contemporaneidade. E, sabemos que este modelo tecnicista não se comporta mais em nosso meio, pois, por mais que se deseje torná-lo racional, neutro e científico, ele se esgota na própria condição de seus valores.

Neste sentido, muito mais do que alfabetizar alguém, ou de simplesmente impor que se decorem os nomes dos planetas, por exemplo, está o verdadeiro ensino, ou seja, ver, saber, fazer e intervir, pilares da relação ensino-aprendizagem. O que observarmos, no contexto do ambiente escolar, o professor de hoje, perdeu seu status e a autoridade, o tecido desta relação ensino-aprendizagem se esgarçou, pelo afrouxamento da disciplina e dos conhecimentos clássicos.

Impecavelmente este modelo escolar foi capaz de transformar uma nação – Alemanha - enfraquecida por uma guerra de dois flancos, onde os mais fracos foram duramente penalizados pelas más escolhas de seus líderes, no terceiro grande império que o mundo já viu, ao menos segundo os próprios alemães nazistas. Graças aos esforços de autores, como Teodor Adorno que vivenciou a experiência de sobreviver a esta educação, ou melhor, a esta doutrinação tecnicista nos campos de concentração nazistas, onde podemos observar casos de enfermeiras devidamente treinadas para o exercício de suas funções, que a nós ocidentais ditos “pós-modernos” seria a luta e a defesa da vida, Adorno nos afirma que por meio desta educação privada de reflexão e por consequência de qualquer subjetividade não ariana, além de privar estas enfermeiras do próprio senso de humanidade, levou-as a aplicar injeções letais quase que automaticamente após o nascimento dos filhos das judias nos campos de concentração e em frente as suas próprias mães.

Seria por demais dispendioso tecer todo esse artigo, tocar em assuntos tão delicados, reafirmar a importância de educar e não simplesmente de instruir, cuja diferença, já se mostra evidente no citado holocausto com que Adorno o sinalizou para o perigo de se instruir mentes insensíveis não para o humano ou mesmo para a humanidade. Estamos nos referindo aqui ao brilhante trabalho do médico Ricardo Tapajós (2002), cujos trabalhos focados em aprimorar as relações médico-paciente por meio da Arte foram internacionalmente reconhecidos, reproduzidos e valorizados. Desse modo, não seria a Arte na atual conjuntura escolar a protagonista de um novo paradigma da educação brasileira?

Todo caminho parte de uma escolha, nesta questão em especial, considerando Read, Kunh e Freire, ousamos aqui observar a educação e intervir,

acerca da perspectiva de um paradigma que em sua essência é uma proposta e é um resgate do ideário de Herbert Read que tem a Arte como sendo geradora da educação e também o seu componente central. Podemos assim de antemão nos lembrar de que a proposta de Herbert Read nunca foi aceita em nenhum momento da história contemporânea, mesmo sendo ele considerado aquele, que desde Platão, como ninguém, conseguiu defender a tese de que a Arte deveria ser a base de toda a educação.

## **A EXPERIÊNCIA POR PROJETOS E A INTERDISCIPLINARIDADE**

Reorganizar o currículo por projetos, em vez das tradicionais disciplinas, “eis a questão” essa é a principal proposta do educador espanhol Fernando Hernández (2000) que se baseia nas idéias de John Dewey (1859-1952), filósofo e pedagogo norte-americano que defendia a relação da vida com a sociedade, dos meios com os fins e da teoria com a prática.

Assim Hernández vai propor uma nova forma de ensinar:

Comecei a me questionar em 1982, quando uma colega me apresentou a um grupo de docentes (...). Eles não sabiam se os alunos estavam de fato aprendendo. Trabalhei durante cinco anos com os colegas e, para responder a essa inquietação, descobrimos que o melhor jeito é organizar o currículo por projetos didáticos (op.cit. 2000, p.96).

O modelo propõe que o docente abandone o papel de "transmissor de conteúdos" para se transformar num pesquisador. O aluno, por sua vez, passa de receptor passivo a sujeito do processo.

Neste sentido é importante entender que não há um método a seguir, mas uma série de condições a respeitar. O primeiro passo é determinar um assunto — a escolha pode ser feita através de uma sugestão do professor ou da garotada. "Todas as coisas podem ser ensinadas por meio de projetos, basta que se tenha uma dúvida inicial e que se comece a pesquisar e buscar evidências sobre o assunto, estabelecer um objetivo e exigir que as metas sejam cumpridas, esse é o nosso papel" (op.cit. 2000, p.181).

Esta proposta inovadora do currículo escolar, por Hernandez de igual modo estava a de Read em meados dos anos 40, para se contrapor à égide de uma razão esclarecida. O projeto moderno pretendia libertar o homem dos limites impostos pela natureza, do medo do sobrenatural e do barbarismo fratricida que marcaram a história e devastaram a humanidade até então.

O que vemos, porém, é a agonia deste ideário. O universalismo está sendo substituído por uma avalanche de particularismos - nacionais, culturais, raciais, religiosos. Já a individualidade, sucumbe cada vez mais no anonimato no conformismo e na sociedade de consumo.

A primeira fenda aberta no modelo educacional vigente decorre da diversificação das práticas curriculares e do conseqüente estrangulamento do consenso em torno do significado do ato de ensinar e aprender e, por conseguinte, do tipo de conhecimentos e saberes que cabe a escola ensinar.

Uma profusão enorme de teorias, métodos e princípios educativos invadiu a escola, desestabilizando suas verdades e certezas, ao mesmo tempo em que instaurou, entre seus profissionais, uma sensação de insegurança quanto à direção para onde deveriam encaminhar seus alunos. Aliado a este fator, a escola, que tradicionalmente esteve a serviço da educação das elites econômicas e intelectuais, foi convocada, por razões alheias a sua vontade, a abrir suas portas a todos aqueles segmentos sociais que estavam marginalizados do processo educativo.

Invadida em sua pureza étnica, racial e cultural, por indivíduos portadores de subjetividades outras, outros desejos e valores, a escola, seu currículo e seus profissionais se viram despreparados e desnorteados para lidarem com tamanha profusão de identidades e interesses.

Finalmente, todo este mal-estar ganha em dramaticidade e impacto, quando constatamos que a escola vai, paulatinamente, perdendo sua importância social, como única instituição habilitada a formar as futuras gerações e, mais grave ainda, que a prática nela desenvolvida se afunda na tragédia do fracasso escolar.



Segundo LAROSSA (2001), a experiência é aquilo que vivenciamos, é aquilo que nos acontece, é aquilo que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, não aquilo que apenas se toca. Experiência invoca travessia e perigo e o sujeito que a vive está exposto, porque se expõe aos riscos de suas incertezas. A experiência é, neste sentido, aquilo que padecemos ligado a nossa existência, contingente e pessoal.

Como nos ensina Larossa, "em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece". Superar esta realidade requer um ato de desprendimento, ousadia e coragem daqueles que estão envolvidos com o trabalho de formação, professores e coordenadores. Significa estar disposto a colocar em dúvida, velhas e reconfortantes certezas, sofrer as dores e o incômodo de se ver "perdido", mas, com os sentidos aguçados e renovados de quem ousa reconhecer e enfrentar os perigos daquilo que faz.

Assim o conhecimento está sendo construído de forma fragmentada, cada vez mergulhamos em uma maior especialização, por exemplo, a matemática já vem há muito tempo sendo ensinada dividida em geometria, trigonometria, aritmética entre outras áreas; já a língua portuguesa se reparte em gramática, ortografia, e literaturas. As outras matérias dos ensinos médio e fundamental também se repartem, como se a simples existência destas disciplinas já não significasse um conhecimento partido, e cada vez mais longe da realidade do aluno.

A especialização levada ao extremo, como a que ocorre hoje, faz com que o conhecimento produzido só tenha sentido para os especialistas de cada área. As informações científicas desligadas do mundo real, fechadas cada vez mais em intradisciplinas, como a termofísica-nuclear, não tem sentido algum para o aluno de ensino médio. Isto leva ao questionamento sobre até onde tais informações dadas para os alunos seria realmente produzir conhecimento. É para ir contra esta corrente que se levanta o conceito de interdisciplinaridade.

Deste modo a interdisciplinaridade busca um conhecimento universal, ou seja, um conhecimento não fragmentado em vários campos do saber, que proporciona a necessidade do auto afastamento do mundo real e fechado em apenas uma área, o

que leva a abstrair seu objeto de estudo, pois, assim cativado pelo detalhe, o especialista perde o sentido do conjunto, não sabendo mais situar-se em relação a ele. (JAPIASSU, 1976, p. 94).

O formalismo jurídico de uma teoria abstrata, desligado de toda referência à vida real, pode conduzir aos piores absurdos, traindo, assim, a essência mesma da função jurídica. De modo semelhante, o formalismo rigoroso desta ou daquela teoria científica pode desenvolver, sob aparências enganadoras da perfeita exatidão, o desconhecimento das implicações próximas e longínquas da existência humana (GUSDORF Apud. JAPIASSU, 1976 p. 17)

A idéia interdisciplinar ganha força na década de 60 na Europa, devido a um movimento de alunos e professores do ensino superior contra a fragmentação do conhecimento. A idéia e a proposta pedagógica nela contida são trazidas à tona por Georges Gusdorf no final da década de 60, e é este autor que influencia os dois maiores teóricos brasileiros; Hilton Japiassu e Ivani Fazenda. Sendo que Japiassu veio a trabalhar o conceito no que denominamos campo epistemológico, enquanto Fazenda continua a produzir uma obra extensa no campo pedagógico. São estes dois teóricos que influenciam praticamente toda produção bibliográfica sobre o assunto no Brasil.

Para Japiassu, a interdisciplinaridade surge como uma necessidade imposta pelo surgimento cada vez maior de novas disciplinas. Assim, é necessário que haja pontes de ligação entre disciplinas, já que elas se mostram muitas vezes dependentes umas das outras, tendo em alguns casos o mesmo objeto de estudo, variando somente em sua análise. Caso mais freqüente nas ciências humanas, já que ao contrário das naturais não existe uma hierarquia entre elas, ou seja:

Nas ciências naturais, podemos descobrir um tronco comum, de tal forma que temos condições de passar da matemática à mecânica, depois à física e à química, à biologia e à psicologia fisiológica, segundo uma série de generalidade crescente (esquema comtiano). Não se verifica semelhante ordem nas ciências humanas. A questão da hierarquia entre elas fica aberta (JAPIASSU, 1976, p. 84).

Assim, o referido autor lança ainda, um outro conceito que estaria além dos parâmetros que ele aponta como limítrofes para a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade, onde os alcances disciplinares parecem deixar de existir totalmente, e as disciplinas dialogam não somente entre elas, trocando suas informações de caráter científico, mas também com o conhecimento socialmente produzido dos alunos e professores, como sua vivência social, por exemplo. Por sua vez, Ivani Fazenda não distingue um limite entre o saber interdisciplinar e o transdisciplinar. Entretanto, Japiassu trata a interdisciplinaridade como a negação das disciplinas, pois,

Podemos retomar essa distinção ao fixarmos as exigências do conhecimento interdisciplinar para além do simples monólogo de especialistas ou do 'diálogo paralelo' entre dois dentre eles, pertencendo a disciplinas vizinhas. Ora, o espaço interdisciplinar, quer dizer, seu verdadeiro horizonte epistemológico, não pode ser outro senão o campo unitário do conhecimento. Jamais esse espaço poderá ser constituído pela simples adição de todas as especialidades nem tampouco por uma síntese de ordem filosófica dos saberes especializados. O fundamento do espaço interdisciplinar deverá ser procurado na negação e na superação das fronteiras disciplinares. (JAPIASSU, 1976, p. 74-75)

Em síntese, podemos afirmar que a modernidade e seu ideário estão em crise e que trabalhar por projetos de forma interdisciplinar se faz necessário, é um caminho alternativo que rompe com tudo que a proposta tradicional e tecnicista nos trouxe como um novo paradigma, que os adeptos do professor Saviani chamam de "Escola Nova Popular".

## **A EXPERIÊNCIA DA ARTE COMO AGENTE INTEGRADOR**

Um trabalho por projetos, pensado e aplicado de forma interdisciplinar mediado pela Arte, é possível! O modelo propõe que o professor abandone o papel de "transmissor de conteúdos" para o de professor pesquisador. O aluno, por sua vez, passa de receptor passivo a sujeito do processo.

É importante entender que não há um método a seguir, mas uma série de condições a respeitar. O primeiro passo é determinar um assunto — a escolha pode ser feita a partir de uma sugestão do professor ou dos alunos. "Todas as coisas podem ser ensinadas por meio de projetos, basta que se tenha uma dúvida inicial e que se comece a pesquisar e buscar evidências sobre o assunto", (HERNÁNDEZ 2000 p.198).

Desse modo, cabe ao educador saber aonde quer chegar e assim estabelecer as metas que serão cumpridas, esse é o nosso papel, por isso, Hernández alerta que não basta o tema ser "do gosto" dos alunos. Se não despertar a curiosidade por novos conhecimentos. "Se fosse esse o caso, ligaríamos a televisão num canal de desenhos animados". O que potencializa uma etapa importante é a de levantamento de dúvidas e definição de objetivos de aprendizagem.

O projeto avança à medida que as perguntas são respondidas e o ideal é fazer anotações para comparar erros e acertos — isso vale para alunos e professores, porque facilita a tomada de decisões. Todo o trabalho deve estar alicerçado nos conteúdos pré-definidos pela escola e pode (ou não) ser interdisciplinar. Antes, defina os problemas a resolver. Depois, escolha a(s) disciplina(s). Nunca o inverso.

Um exemplo utilizado no Colégio Estadual Jandaia do Sul durante o ano de 2009 de forma interdisciplinar mediados pela disciplina de Arte, nos mostra o conteúdo definido pelo sistema escolar para aquele período era o Neoclassicismo e a inquietação de alguns educandos, após uma aula prática de leitura estética sobre a arquitetura da Igreja Matriz daquela cidade, onde se questionou o porquê de uma comunidade ter patrocinado a construção de um templo católico utilizando uma estética predominantemente protestante, como a neoclássica e não a estética Barroca, como por exemplo a Igreja Matriz da vizinha cidade de Arapongas.

Esta agradável inquietação que é comum nos jovens e se alastra de forma positiva num debate aberto, deu início a aulas, onde participaram as disciplinas como história, filosofia, literatura e Sociologia, todas sendo temperadas pela disciplina de Arte, ora com imagens que instigavam, ora com visitas in loco, que

confirmavam ou negavam as suposições levantadas em sala de aula. A indagação feita pelos alunos sobre “a relação entre Capital, Política e Igreja Católica, registrada na arquitetura da Igreja Matriz de Jandaia do Sul”, proporcionou a construção de um registro escrito na disciplina de Sociologia, expresso a seguir:

“A falta de capital deixou a obra inacabada (geada negra de 1975) podendo ser notada no lado externo a falta de uma torre no lado direito (quebra forçada da simetria – alto custo das ferragens na época), também ainda em sua entrada principal há uma falha no conjunto arquitetônico onde faltam as estátuas dos doze apóstolos, os nichos estão vazios (o artista não pode completar o trabalho devido ao alto custo e escassez de recursos, apenas três estátuas foram concluídas e assim não puderam ser utilizadas no local projetado para elas), A arte em vitrais, ainda está inacabada, existem colunas internas lisas contrapondo com as decoradas nas ordens Dórica, Jônica e Coríntia. Percebem-se reformas que alteraram o estilo, houve a adequação da escadaria frontal para cadeirantes, transformando-a com isto em uma escadaria Barroca.

A igreja representa em um lado o poder político e de outro as classes menos favorecidas, no seu lado direito estão a imagem de Nossa Senhora de Fátima pintada em azulejos e uma estátua que respeita as medidas dos cânones grego, mais um vitral autêntico desde a junção do vidro com chumbo até a coloração a quente, representando a colônia portuguesa e, no seu lado esquerdo o Sagrado Coração de Jesus, que representa os grupos religiosos da época em que ela foi construída.

Embora a igreja esteja localizada no centro de uma praça, ela só rege seu poder no prédio, deixando o restante da praça nas mãos do poder público e lá existem dois obeliscos que representam, na placa de bronze, os poderes executivo e do clero, e na sua forma, o poder masculino sobre o feminino”. (Karina Zanão, Wagner Salvarane – 3º A. 2009).

Desta forma a promoção do ensino da arte se fez presente no Colégio Estadual Jandaia do Sul, o conteúdo trabalhado e comentado acima foi apenas um dentre os vários destinados ao primeiro semestre de 2009, o trabalho por projetos

mostrou ser uma ferramenta altamente eficiente, quando encaminhado corretamente, as disciplinas se envolvem de tal modo com o conteúdo proposto, que não há como não ocorrer o ensino-aprendizagem, o lúdico vem à tona, pois, o interesse dos educandos aflora em suas indagações, em suas surpresas, em sua busca pelo saber.

Ocorre ainda que, a cada momento, mesmo que com um ou outro dia de intervalo entre as aulas, é novamente estimulado por uma ou outra disciplina, por um ou outro ponto de vista e assim, novas imagens, novas formas de ver vão pavimentando o caminho do conhecimento, planejado no início do projeto, efetiva-se assim a interdisciplinaridade, de forma simples, objetiva e concreta. Não ficou dúvida alguma de que a Arte age de forma diferenciada e é uma disciplina poderosa no que tange a agregar valores que promovam a efetivação de uma aprendizagem, que valoriza o cognitivo, a subjetividade e ao mesmo tempo objetiva;

“A intervenção pedagógica do Prof. Carlos Castilho, foi além, pois se disseminou no espaço escolar do Colégio Estadual Jandaia do Sul, atingindo o conteúdo das séries e interagiu com as disciplinas de história e filosofia –objetivadas no projeto–chegando às demais disciplinas e equipe pedagógica, rompendo os muros da escola. Esta efetivamente foi uma ação integradora do currículo escolar e que com certeza permanecerá, com a Arte nuclearizando o currículo transdisciplinar no Colégio Estadual Jandaia do Sul” (Coordenação Pedagógica do C.E.J.S. 2009).

A necessidade de um novo paradigma para a educação se faz necessário, o trabalho por projetos, de forma interdisciplinar, tendo a Arte como mediadora do conhecimento, foi aqui testado na sua prática, no chão do sistema educacional, onde alguns pé-vermelho do Vale do Ivaí, cercados pela monocultura canavieira, ousaram pensar e agir de forma diferenciada, proporcionando com isto um novo caminho para a escola atual, onde a disciplina de Arte diz “presente” para esta ação que já foi medida, pesada e considerada apta para se efetivar como um novo paradigma.

## REFERÊNCIAS

READ, Herbert. **A Educação Pela Arte**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

KUHN Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. 7.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. [ISBN 85-273-0111-3](#).

LAROSSA, Jorge Bondia. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Leituras SME- número 4 julho 2001. Campinas. Fumes.

TAPAJÓS, R. **A introdução das Artes nos currículos médicos**. Comunic, Saúde, Educ, v.6, n.10, [www.scielo.br/pdf/icse/v6n10/03.pdf](http://www.scielo.br/pdf/icse/v6n10/03.pdf)

ALVES, J. F. **A Invasão Cultural Norte-Americana**. 18. ed. São Paulo: Moderna, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. 1 ed. 1999.

DUARTE Júnior, J. **Fundamentos Estéticos da Educação**. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1985.

- - - **Por Que Arte-Educação?** 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. Disponível em: <http://www.editoraguanabara.com.br>

HERNÁNDEZ, F. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

- - - **Transgressão e Mudança na Educação**.

- - - **A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1996.

LOWENFELD, V.; W. LAMBERT, B. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. 5. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

SEED. PR. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Arte e Artes.** 1. ed. Curitiba, 2006. Disponível em: <HTTP://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>

KUHN, Thomas S. **A estrutura das Revoluções Científicas.** 7.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. ISBN 8527301113.

FROMM Erich, **Ter ou Ser?** 4<sup>a</sup> ed. Editora LTC – São Paulo, 2006 p.81/107

FEITOSA Charles. **Explicando Filosofia com Arte** - 1a ed. Editora Ediouro. São Paulo 2001 ISBN-10: 8500013443 ISBN-13: 9788500013447

**Educação: um tesouro a descobrir;** relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI – 1996. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br> acessado em 03/09/2009

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento.** 2<sup>a</sup> Ed. Vozes: Petrópolis, 1996.

WADSWORTH, Barry. **Inteligência e Afetividade da Criança.** 4. Ed. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli, 1996.

BRANDÃO, Marcus Lira. As bases biológicas do comportamento, introdução à neurociência. São Paulo: EPU, 2004 ISBN 85-12-40630-5